REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

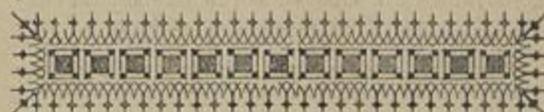
24.º Anno — XXIV Volume — N.º 818

20 DE SETEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. TRINDADE COELHO

NEM com ser delegado n'uma das varas de Lisboa, deixou o logar que occupava honrosamente entre os primorosos escriptores portuguezes.

Não vai com certeza beber sua inspiração no torvo aspecto dos réos, que typos de Lombroso não são de molde a acordar poesia. Mas, depois de longas horas passadas na atmosphera da Boa Hora, predilecta dos microbios, deve saber muito bem ir com a fantasia correr terras em que o azul é mais intenso, em que o ar que se respira desce fundo aos pulmões, perfumado pelas plantas floridas da aldeia dos nossos dias de pequenino.

Trindade Coelho, auctor do livro *Meus amores*, que lhe deu dos primeiros logares entre os contistas portuguezes, tem um profundo amor á terra em que nasceu. Eloquente prova lhe tem dado com a serie de livrinhos que vai publicando na mira de lhe ser util e engrandecel-a.

Foi esse mesmo acrisolado amor o inspirador das primeiras paginas que haviam de tornal-o conhecido e estimado entre os homens de letras. O titulo do livro o dizia. Cada um d'aquelles primorosos contos é um madrigal á terra, foi dictado pelo coração, talvez escripto n'uma hora de saudade.

A lucta pela vida arrastou o auctor para campo bem differente. O amor, sempre o mesmo, inspirou-lhe agora outro genero de trabalho. Mas o poeta nem por isso esmoreceu; como refugio outro melhor não tem achado do que a arte em que é eximio.

CHRONICA OCCIDENTAL

Temos á porta as eleições. Mexem-se a esta hora com todo o afan os chefes dos partidos, sobretudo o sr. João Franco, que precisa acreditar-se e a quem, com certeza, não devem faltar a tactica e a estrategia. Não houvera elle sido ministro do reino e commandado já batalhas. Não ha como um homem ter sabido defender-se para saber como se ataca. O celebre sargento lh'o explicaria: É tal qual a mesma coisa, com a differença que é exactamente o contrario.

Entretanto não é das eleições que mais agora se fala, que se deram casos n'outros paizes que esmoreceram a curiosidade do que vae cá pelo nosso.

A morte de Mac-Kinley, o presidente dos Estados-Unidos, que ha dias foi ferido na exposição de Buffalo, de tal modo attrahiu as attenções do mundo inteiro, que, durante dias, esqueceram factos que muito deveriam ter chamado a attenção, deixando até de ser discutida a famosa viagem dos imperadores da Russia a Compiègne.

Depois de muitos telegrammas contradictorios e contradictorios boletins dos medicos, Mac-Kinley, cujas funcções cardiacas já mal regulavam, falleceu depois de oito dias de soffrimento.

Todos os navios de guerra surtos no Tejo puzeram no domingo as bandeiras a meia haste e o cruzador *D. Carlos*, bem como a corveta allemã *Steine*, salvaram de quarto em quarto d'hora.

Foi enorme a commoção produzida em toda a America pelo attentado. Em Chicago foi publicada uma proclamação incitando os cidadãos americanos a apoderarem-se de todos os revolucionarios encarcerados.

Por precaução, a celebre miss Goldmann, foi transferida para sitio ignorado e mais seguro.

O assassino Czolgosz só por milagre escapou de ser lynchado pela multidão. Seu julgamento será muito breve.

O criado preto, que primeiro deitou mão ao assassino, tornou-se o heroe do dia. Chegou a vender por vinte dollars um dos botões do casaco que n'essa occasião trazia vestido. Como em tudo se vê que estamos na America!

Na bolsa de Nova-York tem havido grande agitação e as cotações oscillam em verdadeiro temporal de esperanças e desconfianças.

Entretanto o vice-presidente Roosevelt, logo que deu seus sentimentos á viuva de Mac-Kinley, prestou juramento, conforme a constituição, e declarou que manteria absolutamente intacta a politica do fallecido, para prosperidade e honra da patria bem amada. Em seguida, pediu a todos os ministros para que conservassem suas pastas, tendo o ministerio todo accedido ao desejo manifestado Se o gabinete resolver dar a sua demissão, só o fará depois dos funeraes, que deverão realisar-se em Washington.

Não ha descanço possivel para os chefes de estado e os presidentes das republicas não podem em maior socego logral-o do que reis e imperadores.

São meticulosas as providencias tomadas para que o imperador da Russia possa gosar quietamente as festas que lhe preparou o sr. Loubet, presidente da republica franceza. Chegam com certeza a ser mentirosas as precauções que os jor-

naes nos dizem terem sido tomadas em Compiègne.

Os operarios e mestres d'obras que teem trabalhado em arranjos do palacio foram constantemente vigiados pela policia e nenhuma pessoa estranha poderá approximar-se do czar a menos de duzentos metros.

Franca, francamente, não vale a pena ser imperador.

As festas promettem continuar com o maior deslumbramento e só poderá empanar-lhes o brilho o receio constante dos festejados. A não ser que nós pensemos muito mais n'isso do que elles proprios.

O Imperador da Allemanha esteve com o Czar em Kiel. Em Dantzik, por occasião d'uma saude, disse elle, segundo nos communicou a Agencia Havas: «Acabo de ter com o meu amigo Imperador daRussia uma entrevista da mais alta importancia que se passou com plena satisfação para nós ambos e que fortalecerá ainda mais e de maneira inabalavel a nossa convicção de que está assegurada por muito tempo a paz européa.»

Estas palavras, na bocca do Imperador da Allemanha, á hora em que o seu amigo Czar desembarcava em França, teem decerto um alto valor.

Descançaremos, portanto, e tanto mais quanto é certo que os nossos amigos hespanhoes teem-se n'estes ultimos tempos portado maravilhosamente sem nos fazerem voz de papão.

Não temos senão muito bem a dizer d'elles agora, pois que os excurcionistas portuguezes, que por lá andaram viajando, foram perfeitamente recebidos, voltando a Hespanha a ser aquella nação fidalga, tão afamada no mundo.

Vamos portanto muito bem, e podemos deixar de lançar o rabinho do olho inquieto lá para fóra, para devagarinho nos entretermos um nadinha com o que nos vai cá por casa.

Mas nem isso nos attrahe. Frio, frio, corre tudo na politica e para tudo se olha com a maior indifferença. As eleições commovem muito pouco Lisboa e apenas a dissolução da camara municipal conseguiu inspirar uns artigos mais largos e energicos em alguns jornaes da capital.

A commissão municipal nomeada pelo governo tomou placidamente conta das cadeiras dos vereadores, e de todo o caso o mais importante foi saber-se que o sr. presidente do conselho visitára o sr. conde do Restello, presidente da camara dissolvida.

Entretanto as accusações eram gravissimas e algumas já tinham auctorisado o governo a incumbir-se de certos serviços que á camara pertenciam, entre os quaes o de beneficencia.

É triste saber-se que muitos, á custa do que vinha a faltar aos pobres, levavam vida descuidada.

Assim seria. É difficil saber-se quem deveras precisa e o livrar-se de especuladores ladrões é um dos maiores trabalhos da caridade.

Bem empregada é essa esmola feita ás criancinhas escrofulosas, que por conta da assistencia nacional aos tuberculosos, por que tanto se interessa a Rainha Sr.ª D. Amelia, vão agora todas as manhãs tomar banho á praia da Trafaria.

É quasi uma centena de crianças já condemnadas á morte e indultadas pela caridade, que difficilmente podia achar melhor occasião de exercer-se.

Prometteram-lhes a saude e ellas lá vão arribando, já com melhor côr nas faces, com alegria maior nos olhos.

Foi a praia da Trafaria a escolhida, e á hora das crianças irem receber o abraço hygienico das aguas do mar, que contraste não ha entre aquelle extenso areal, que vê as tristinhas a soffrer e as praias garridas da outra margem, e mais além as do Occeano, cheias de alegria, dando a nota de que ha de mais elegante em Portugal.

De todas ellas falam muito os jornaes e até alguns se batem para ver quem melhor consegue dar novas de sensação. São *pic-nics* que se realisaram, bailes em projecto, partida de *lawn-tennis*, os que entram e os que sahem, columnas em prosa compacta descrevendo *cotillons*.

Lisboa, que os carros electricos veio animar por uns dias, continua com a sua feira de Belem e uma ou outra rara toirada em Algés, em que as batatas atiradas aos toureiros vão fazendo parte muito importante dos programmas fantasticos.

Na ultima ali realisada até figurou uma Dona Tancreda que o toiro obsequiou com varia pancadaria para que não torne a cahir n'outra. Uma cavalleira teve mais medo ás batatas do que ao toiro e recusou-se a trabalhar. Meia duzia de pretos, todos mais ou menos estropiados pelos toiros, deram entrada na enfermaria.

Como se vê, com respeito a toiros, vamos progredindo.

Annuncia-se entretanto como possivel um caso que vai ser falado em todas as terras dos Pyrineus para cá. No dia 30 inaugura-se a nova praça de Villa Franca e dizem que os curiosos que tomam parte na corrida serão auxiliados nem mais nem menos do que pelo celebre Guerrita, que ha tempos cortou a coléta.

Se assim fôr, ainda este anno teremos uma toirada. E se Fernão de Magalhães, ao serviço de Castella foi o primeiro que deu volta ao mundo, o ultimo toiro de Guerrita terá sido em Portugal.

Amigos hespanhoes, estamos vingados!

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

DESABAMENTO DA PONTE DE PAPA-GALLOS NO CAMINHO DE FERRO DO SUL

Foi no dia 8 do corrente que se deu o desabamento da ponte de Papa-gallos, á passagem do comboio mixto que partira de Faro ás 6 horas da manhã. O comboio compunha-se de 19 vagons com mercadorias e 3 carruagens com passageiros.

O comboio tinha quasi atravessado a ponte de Papa-gallos quando se sentiu grande estrondo e gritos afflictos, que fizeram com que o machinista parasse a marcha do comboio, e pôde então verificar-se que parte da ponte tinha abatido, despenhando-se sobre a ribeira as tres carruagens de passageiros e quatro vagons de mercadorias, ficando portanto para cá da ponte a machina e 15 vagons e para lá o *fourgon*.

No meio d'aquella grande desgraça, ainda houve a fortuna de os passageiros serem poucos, porque de contrario maior seria o numero de victimas.

As carruagens e vagons ficaram despedaçados e sob os destroços jaziam dois passageiros mortos, horrivelmente mutilados e um terceiro ainda com vida, mas que foi morrer ao hospital d'Evora.

As victimas chamavam se Jeronymo Ayres, o *Xarope*; Francisco Estrompa, mineiro e o caixeiro viajante Joaquim Manuel Crespo.

Além d'estes houve mais tres feridos, em estado grave.

Este desastre deve ser de bom aviso ao governo para que mande proceder desde já a uma rigorosa vistoria da linha ferrea assim como ao material circulante, para não haver que lamentar novas desgraças causadas pelo mau estado em que tudo se encontra.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 817)

1883-1893

A orchestra tocou a symphonia de *Freischütz*, de Weber, a *mandolinata*, pizzicato, de Antonio Soller, e a *Rapsodia*, de Listz.

No theatro do Colyseu dos Recreios, em 4 de abril de 1896, cantou o tenor portuguez Carlos Tavares, na opera *Favorita*, de Donizetti; os outros artistas eram do theatro de S. Carlos, Santarelli, Modesti e Dadó.

Na noite de 25 de abril de 1896, ás 9 horas, houve, no theatro de S. Carlos, uma sessão solemne da Sociedade de Geographia, em homenagem á expedição a Lourenço Marques.

Sala e palco formavam um grande salão, no mesmo pavimento, armado todo em plateia. A tribuna real estava aberta, illuminada, e ornamentada, com flores e plantas. Perto da porta, por baixo da tribuna, elevava-se um estrado com a mesa da presidencia, e aos lados d'esta duas mesas para os oradores. A' esquerda do presidente, sobre as frizas desenvolviam-se mappas do theatro da guerra. Ao fundo do palco elevavam-se trophéos compostos de armas gentilicas. Os camarotes estavam ornados com festões de verdura. No palco tocava a banda da guarda municipal.

As rainhas D. Amelia e D. Maria Pia occupavam o camarote real. Nos camarotes ostentavam-se senhoras convidadas pela direcção da Sociedade de Geographia; haviam sido distribuidas 6 senhas por camarote.

A entrada dos socios da Sociedade de Geographia e dos convidados, fazia-se pelas portas do palco e do theatro, que dão para o largo do Picadeiro e rua Serpa Pinto (antiga rua Nova dos Martyres). O rei, familia real, governo, corpo diplomatico e direcção da Sociedade de Geographia, entraram pela arcada do perystilo, no largo de S. Carlos.

Presidiu á sessão El-Rei D. Carlos I; um pouco atraz, á esquerda, o presidente da Sociedade, Francisco Ferreira do Amaral, capitão de mar e guerra.

Houve discursos de El-Rei, ministro da marinha Jacinto Candido da Silva, commandante da expedição coronel Galhardo, e Ferreira do Amaral. Em seguida, o rei D. Carlos I pôz ao pescoço do coronel Galhardo a medalha de ouro da Sociedade de Geographia, e entregou os diplomas de socios benemeritos aos officiaes mais distinctos da expedição.

Na noite de 9 de maio de 1896, houve, no theatro de S. Carlos, uma festa de caridade, em beneficio da caixa de soccorros a estudantes pobres.

Deu-se a operetta *Sejamos castos*, em um acto, palavras de Accacio de Paiva, musica de Illydio Amado, por Amelia Barros, Ernesta Cerri, Vicenta Palop, Chaby Pinheiro, Illydio Amado e João Loforte.

A orchestra tocou uma symphonia e o hymno patriotico *Africa*, de Illydio Amado. A tuna academica de Lisboa, composta de muitos estudantes guitarristas, dirigida por Illydio Amado, tocou: *Malagueñas*, de Carrera; *Venetianisches Gondelied*, de Mendelsohn, *Cavalleria rusticana*, de Mascagni; *Sérénade orientale*, de Gangloff. Cantou Mercedes Blasco a romanza *Si tu m'amais*, de Denza, e varios fados. Recitou poesias Chaby Pinheiro, e um monologo, Joaquim de Almeida. Fez rapidas caricaturas a lapis Leal da Camara.

No mez de maio houve, no salão de baixo, concertos de musica classica, por Victor Hussla, violinista; Rey Collaço, pianista; Alfredo Gazul, violeta; e Cunha e Silva, violoncello.

Os acontecimentos mais notaveis da epocha lyrica de 1895-1896, foram a apparição do celebre tenor Marconi na scena de S. Carlos, e a execução da opera *Irene*, do maestro portuguez Afredo Keil.

O tenor Francesco Marconi era já muito conhecido, no mundo theatral, quando veiu a Lisboa: gozava da fama de ser um dos melhores tenores, d'este tempo, tão pobre de verdadeiras summidades artisticas na scena lyrica.

Comtudo, apesar da fama de celebridade que gozava, e que os cartazes e jornaes, com os seus eternos, enfadonhos, monotonos e tolos reclamos, apregoavam pelas esquinas e por toda a parte por onde circulavam, como costumam fazer, diariamente, para todos os theatros e todos os espectaculos, e talvez mesmo por causa d'esse ridiculo e desacreditado abuso, jornalistico de publicidade, raros assignantes, e ainda menos compradores avulsos, se apresentaram, a tomar camarotes e logares de plateia, para a recita extraordinaria que a empreza annunciára para debute do celebre tenor Marconi, de modo que não foi possivel realizar tal recita, e o famigerado tenor teve de debutar em recita de assignatura, na opera *Rigoletto*.

Logo ás primeiras notas que emitiu, o publico percebeu que tinha diante de si um bom tenor, e bem conservado, justificando a fama que tinha, o que não é sempre facil de conciliar.

Possuia uma bella voz, não muito grossa, mas bem timbrada, agradavel, extensa e flexivel; um canto, geralmente correcto, e grande facilidade e primor no *smorzare*. Cantava a canção *la donna è mobile*, no 4.º acto do *Rigoletto*, com muita graça e elegancia, repetindo-a, a pedido do publico, muitas vezes, tomando-a de diversas maneiras, mas todas graciosas e elegantes.

Além da opera *Rigoletto*, tambem era notavel em varios trechos da *Africana* (especialmente a aria), e dos *Huguenotes*. O publico applaudiu-o bastante n'estas operas.

Foi n'esta epocha que, depois de tantas difficuldades e embaraços, e tantos addiamentos de anno para anno, Alfredo Keil, o auctor da *D. Branca*, opera anteriormente tão festejada na scena de S. Carlos, conseguiu vêr representar n'este theatro a sua opera *Irene*, que já havia subido á scena no theatro Regio de Torino.

A *Irene* foi bem recebida pelo publico de S. Carlos, o qual nem sempre é favoravel aos seus compatriotas; continuando o distincto maestro a manifestar n'esta composição, o que já revelára em anteriores trabalhos, e especialmente na *D. Branca*, lindos effeitos de instrumentação.

Tambem abrilhantaram esta epocha, como já ficou dito, a rapida passagem pelo theatro de S. Car-

los, da elegante artista Hariclée Darclée, e da notavel cantora Teresa Arkel.

Esta apenas cantou na opera *Lohengrin*, de Wagner, e na opera *L'ebrea*, uma das mais bellas composições do maestro francez Halévy.

Jacques François Fromental Halévy, era de origem hebraica. Nasceu em Paris em 27 de maio de 1799, e falleceu em Nice, em 17 de março de 1862.

Como caracteristico, não devemos deixar de mencionar, que continuou, n'esta epocha, como nas anteriores, a desfilar, como em um effeito de lanterna magica, pelo palco do primeiro theatro lyrico de Lisboa, uma grande variedade de artistas, cantando muitos d'elles, successivamente, as mesmas partes, nas mesmas operas, não deixando de si memoria, nem saudades! Basta dizer que, em uma estação de tres mezes, com 50 recitas de assignatura, e algumas poucas extraordinarias, passaram á desfilada pela scena do theatro de S. Carlos: 11 *prime donne*, 5 *primi tenori*, 3 *barytoni*, 3 *bassi!*

Em 12 de fevereiro de 1896, falleceu em Paris, com perto de 85 annos de edade, o notavel maestro francez Charles Louis Ambroise Thomas, auctor das operas *Mignon*, *Hamlet*, etc. Havia nascido em Metz, em 5 de agosto de 1811.

Em 16 de setembro de 1896, falleceu no Pará o maestro Carlos Gomes, auctor das operas *Guarany*, *Salvatore Rosa*, *Maria Tudor*, *Fosca*, *Lo schiavo*, etc. Tinha pouco mais de 57 annos o distincto maestro brazileiro, pois nascera em Campinas, em 4 de junho de 1839. Quando passou em Lisboa, em 1895, e teve no theatro de S. Carlos a ovação que atraz dissémos, já o maestro Carlos Gomes se achava atacado pela horrivel enfermidade, um cancro no estomago, que o devia prostrar.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

POLVORA SEM FUMO «BARRETO»

FABRICA DE POLVORA «BARRETO», EM CHELLAS

A ideia de empregar como explosivos de caça e de guerra uma polvora sem fumo, é muito antiga. Considerada a principio como uma utopia, teve realisação pratica quando Schönbein desbobriu o algodão-polvora.

O estado physico d'este explosivo tornavam impossivel o uso, por motivo das pressões violentas que se desenvolviam no interior das armas de fogo, em que se empregava o algodão-polvora muito comprimido. Fizeram-se muitas tentativas para remediar aquelle pessimo inconveniente, sem resultado satisfatorio, até que Prentice e Stoumarket, em Inglaterra, e o coronel Schültz, na Prussia, conseguiram preparar polvora sem fumo para armas de caça.

A polvora Stoumarket era uma mistura d'algodão ordinario e algodão-polvora e substancias oxidantes. Reduzia-se este composto a laminas que, enroladas, se introduziam nos envolucros dos cartuchos. Esta polvora já apresentava, comparada com as primeiras, uma grande perfeição; foi, comtudo, posta de parte por causa da irregularidade de acção.

A polvora Schültz era feita de madeira purificada e cortada em fórma de grãos que se tornavam uns fortes explosivos, mergulhando-os n'uma mistura de acido azotico e acido sulfurico, lavados em seguida, seccos e depois mergulhados n'um banho de nitratos. Esta polvora e as inglezas E. C. e E. C. n.º 2, compostas de algodão polvora e nitrato de bario, deram para as armas de caça melhor resultado do que as primeiras; quando, porém, se empregavam nas armas de guerra, deixavam muitos residuos nas estrias, inconveniente que as fez regeitar, além d'isso, a combustão produzia substancias solidas e não era isenta de fumo.

Quando em França se procurava dar ás balas de pequeno calibre velocidades superiores a 600 metros, reconheceu-se ser impossivel o emprego da polvora negra, porque desenvolvia pressões excessivas para obter tal resultado. Voltou-se, portanto, novamente ás polvoras chimicas.

Reconhecendo-se que os principaes inconvenientes do algodão-polvora eram devidos á sua contextura fibrosa, pensou-se logo em destruir essa contextura, e o unico meio a empregar era a dissolução.

Foi então que Vicille, em 1886, inventou a polvora sem fumo, empregada na arma Lebel.

O exemplo da França foi imitado pelos outros paizes, e Portugal occupou-se quasi ao mesmo tempo d'esse problema.

Em 1889 foi encarregado o dignissimo capitão d'artilharia (hoje major) Antonio Xavier Corrêa Barreto, do estudo d'uma polvora sem fumo.

Este distincto official obteve desde o principio optimos resultados. A polvora sem fumo foi-lhe adoptada e por isso construida a fabrica de Chellas.

Em 1891 fizeram se experiencias com esta nossa polvora na Allemanha, e os effeitos obtidos em nada foram inferiores aos das melhores polvoras d'aquelle paiz.

De então para cá tem sido muito aperfeiçoada, e hoje é considerada como uma das melhores do mundo.

Para as armas Kropatschec, de 8mm, usadas pelo nosso exercito, assim como para as carabinas de 6mm,5 de cavallaria, todos os cartuchos são carregados com polvora Barreto, estando em ensaios as polvoras para as nossas peças de 15 centimetros de tiro rapido e de 7mm,5, ultimamente recebidas da Allemanha.

A polvora, para armas portateis, dá na espingarda de 8mm, a velocidade de 700m com uma pressão egual á que, com a polvora negra, correspondia a velocidade de 532m, e dá na carabina de cavallaria a velocidade de 660 metros com uma pressão muito inferior á que, para a mesma velocidade, dava a polvora austriaca com que vieram carregados os cartuchos que foram adquiridos, quando se compraram as armas.

É com a polvora Barreto que teem sido municiadas as forças expedicionarias a Moçambique e a Macau, sem que se tenha notado inconveniente algum em empregal-a n'aquelles paizes.

A polvora Barreto é, portanto, uma gloria para o seu inventor e uma honra para todos os portuguezes.

*

A fabrica de Chellas, da polvora sem fumo pelo systema Barreto, foi construida em 1898, está a 3 kilometros de Lisboa. Consta das seguintes officinas e dependencias:

Officina de cardação de algodão, proveniente dos desperdicios das fabricas de fiação. D'esta officina sahe o algodão convertido em pasta.

Officina de purificação de algodão, onde este é lavado, depois de cortado, n'uma lixivia de potassa para lhe extrahir as materias estranhas que podem ser prejudiciaes.

Officina de pulverisação e lavagem, destinada a reduzir o algodão nitrado a polpa muito fina que é muito bem lavada n'um tanque de ferro munido d'um agitador de pás.

Estas officinas estão todas no mesmo edificio que na photographia geral da fabrica está á direita, onde se vê apenas metade.

O edificio seguinte é o do laboratorio.

O 3.º é o da officina de nitração de algodão, onde se realisa a conversão do algodão ordinario em nitro-cellulose.

Pelo lado de traz d'esta linha de officinas existe uma outra linha de officinas que não se vêem na photographia, porque estão encobertas pelos cavalleiros de terra.

As officinas d'esta linha são:

Officina da nitro-glycerina, onde se prepara e purifica este explosivo e se mistura com algodão-polvora.

Officina de laminagem e granulação, onde se faz a conversão da mistura de algodão-polvora e nitro glycerina em laminas translucidas de aspecto corneo e com espessura apropriada conforme o fim a que se destina. Estas laminas são cortadas em tiras de dimensões convenientes e depois em parallelipipedos que constituem os grãos da polvora cujas dimensões são variaveis. Estas officinas, unicas em que se podem dar explosões, são isoladas umas das outras e do resto da fabrica por meio de cavalleiros, que são grandes morros de terra, cujo fim é localisar a explosão que se dê n'uma officina, impedindo que d'esta se propague o incendio ás outras e as arruine, e dar aos destroços direcção em sentido quasi absolutamente vertical, para que voltem a cahir no recinto dos cavalleiros ou muito proximo d'elle.

Provou-se ha pouco tempo a efficacia d'esta disposição. A officina do fabrico da nitro-glycerina foi pelos ares por motivo de explosão, e os apparelhos ficaram completamente desfacelados, sem que as outras officinas soffressem damno e sem que as habitações particulares, que ha em torno da fabrica, ficassem com um vidro partido.

Além das officinas ha a estufa para a desecação do algodão; serralharia e carpintaria para o fabrico e concerto de ferramentas e utensilios; as casas da caldeira e machina de vapor, que é do melhor systema conhecido, foi feita na fabrica suissa Sulzer; é da força de 90 cavallos effectivos, transmittida ás diversas officinas por meio de cabos metallicos que passam em grandes tambores de gorne; casas de arrecadações; carreira de tiro, onde se ensaim as qualidades balisticas das polvoras.

A.

ARCHEOLOGIA LITTERARIA

SIMÃO FELIX DA CUNHA

Dois medicos portuguezes, observando nos seculos XVII e XVIII no Brazil e em Portugal os terriveis estragos da *febre amarella*, que infestou Pernambuco em 1694 e Lisboa em 1723, nos deixaram, memoria impressa, segundo testemunha Innocencio Francisco da Silva, em seu valiosissimo *Diccionario Bibliographico*, dos resultados de suas observações, e dos preservativos que empregaram para combater a devastadora contagião.

Foi o primeiro o medico João Ferreira da Rosa, formado pela Universidade de Coimbra, que tal qual o consigna o douto bibliographo, «não cede a prioridade a nenhum outro da Europa», no escrever ácerca do terrivel mal.

Simão Felix da Cunha foi o segundo, nas observações, e o primeiro em Portugal. Deve-se-lhe o presente «*Discurso e observações apolineas sobre as doenças que houve na cidade de Lisboa occidental e oriental*, o outono de 1723. Lisboa, por José Antonio da Silva 1726. 8.º de XXXII-139 pag.»

O livrinho é raro, mas, conforme Innocencio informa, as «*Observações apollineas* tornaram-se de facil accesso aos que desejarem vêl-as, mediante a reproducção que d'ellas fez a *Gazeta Medica* de Lisboa, onde começaram a sahir em o n.º 114 de 16 de septembro de 1857.»

A calamitosa invasão em Lisboa da febre amarella, accrescenta ainda o nosso bibliographo, devastando a capital de setembro a dezembro de 1857, foi causa de se divulgar entre os nossos medicos o conhecimento da obra de que se trata, qualificada pelo dr. José Pereira Mendes de «trabalho precioso». Esta apreciação se lê no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, tomo XI, pag. 123.

*

Innocencio, porém, registando em seu *Diccionario* o nome de Simão Felix da Cunha, e narrando as mais especies que ficam summariadas, declara que das circumstancias pessoaes «não nos deixou Barbosa informação alguma, apesar de ter sido seu contemporaneo.»

Remediaremos pois um tanto n'esta nota a carencia de dados biographicos respeitantes ao illustre ornamento da sciencia medica portugueza, dando o requerimento que vae lêr-se, e a certidão que o acompanha.

«Diz o Dr. Simão Felix da Cunha, Medico do numero de S. Magestade e do Hospital Real de Todos os Santos, que a elle supplicante, para certos requerimentos que tem, lhe he necessario que o Rev. P. Prior da Villa de Alvorninha lhe passe certidão da sua edade, e por este o não poder fazer, sem que V. M. o mande por seu despacho:

P. a V. M. Seja Servido mandar que o dito Rev. Prior passe a dita certidão.»

E. R. M.

(Á margem.)

«Declara o supplicante ser filho de Francisco da Costa Ribeiro e de sua mulher Olaya da Cunha Monteiro.»

(Por baixo.)

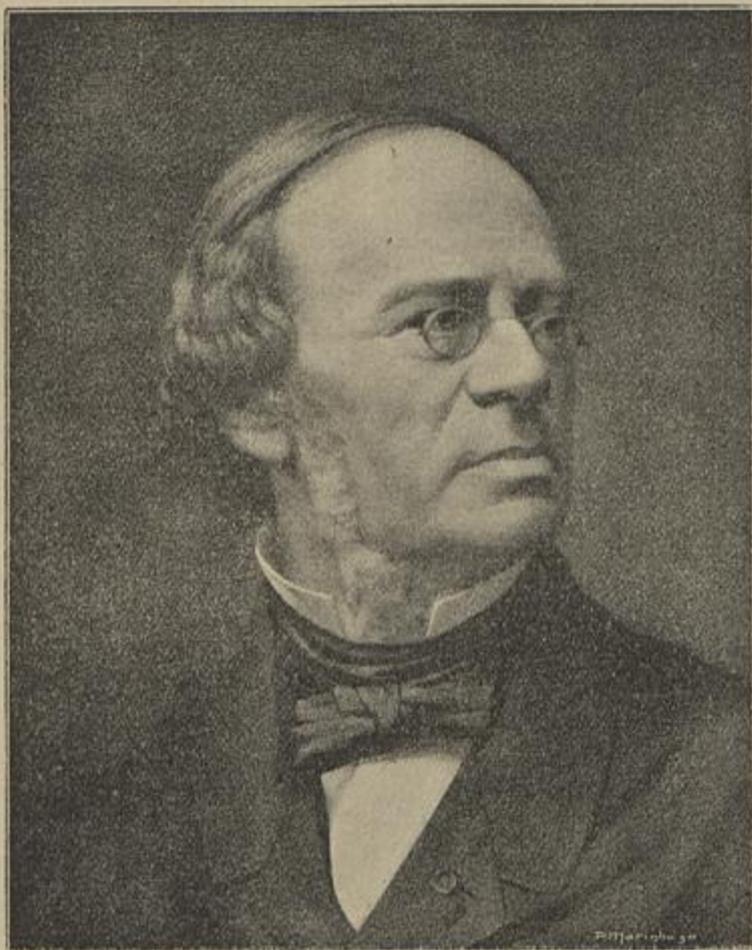
«P. em mão eccles.ª.
Coimbrão» *(com rubrica)*

Este requerimento, na forma do costume, não tem data, nem assignatura.

No verso, porém, lê-se:

«Sebastião Carlos Corrêa de Menezes, Prior nesta Igreja de N. Sr.ª da Visitação, desta Villa de Alvorninha.

«Certifico em como vendo os livros dos baptisados desta freguezia, achei em um d'elles o assento seguinte: «Aos sete de junho de seis cen-

O REAL THEATRO DE S. CARLOS

O MAESTRO J. F. F. HALÉVY

tos e oitenta e oito baptisei a Simão, filho de Francisco da Costa e Olaya Monteira da Cunha, de Alvorninha Pequena; foi Padrinho Cypriano Soares, de Obidos. — Bernardo da Silva Monteiro — e não continha mais nada, á qual me reporto. Alvorninha, 9 de outubro de 755.

Sebastião Carlos Corrêa de Menezes.»

(*Segue-se o reconhecimento*)

Por onde se vê que o medico Simão Felix da Cunha, sendo baptisado a 7 de junho 1688, e admittindo que tivesse nascido uns oito dias antes, tinha os seus trinta e cinco para trinta e seis annos, quando observou a primeira invasão da febre amarella em Lisboa, e sessenta e sete, quando requereu «certidão de edade», a qual o prior da sua freguezia aliás lhe não passou, mas, e tão somente, a certidão do seu baptismo, como acaba de ver-se.

É porém frequente não mencionarem as certidões baptismaes, senão o dia da administração deste sacramento, escapando na maior parte d'ellas, por negligencia dos paes, secundada pela dos ministrantes, a formula: «que nasceu a *tantos* de *tal mez*, do presente anno», ou semelhante.

A villa de Alvorninha, que foi terra natal do dr. Simão Felix da Cunha, é uma bonita e alegre povoação de 480 fogos, no concelho das Caldas da Rainha, situada em posição elevada, mui abundante em boas aguas, possuidora de duas levadas, uma das quaes atravessa a propria villa, ficando-lhe a outra ao S., rodeada, emfim, de muitas hortas, pomares e boas quintas.

Foi uma das treze villas dos coutos de Alcobaça, a cujo convento pertenceu.

Quanto á origem do nome porque ficou sendo conhecida, quem quizer lêr-lhe a explicação, veja, no tom. I do *Portugal Antigo e Moderno*, de Pinho Leal, o alto da 2.ª col. da pag. 187.

*

Declara-se o dr. Simões Felix da Cunha medico do Hospital Real de Todos os Santos.

Lê-se, com effeito, no «*Indice annotado dos facultativos do Hospital de Todos os Santos*,» do sr. dr. Alfredo Luiz Lopes, começado a publicar em 6 n.º 3 do *Jornal das Sciencias Medicas*, correspondente ao mez de março de 1890, o seguinte:

«111 — SIMÃO FELIX DA CUNHA *(Medico)*—Nomeado em 6 de junho de 1733. Despedido em 20 de janeiro de 1741.

Readmittido em 30 de junho de 1742. Falleceu em 1756.»

Temos razões para suppor que a certidão pedida pelo dr. Simão da Cunha se destinava a instruir o processo para receber o Habito de Christo. Se o foi, pouco se gosaria da mercê, pois que tendo-a alcançado, como vimos, no ultimo trimestre de 1755, veiu a fallecer, segundo a nota supra, no anno seguinte, contando sessenta e oito annos de edade.

Gomes de Brito.

UM SEGREDO DE MULHER

POR

Eugene Berthoud

VII

Com um gesto adoravel Aurelia mostrou-lhe uma cadeira, e, sentando se:

— Foi o sr. que me dirigiu esta carta?

— Sim, minha sr.ª

— Tem, segundo parece, um conselho a dar-me.

— Effectivamente, minha sr.ª.

— De grande importancia, não? accrescentou emphaticamente.

Raul cumprimentou.

Madame de Sogel aconchegou-se na *causeuse* e, cerrando os olhos, como gata disposta a arranhar:

— Póde falar, disse.

Ora ficou assim tão bonita que Guérac quasi desanimou.

— Minha sr.ª, começou em tom mal seguro, comquanto não tenha a honra de ser seu conhecido...

— Ch! interrompeu a viuvinha, isso é modestia pura!

— Pois será possivel!... exclamou Raul, pois teria o gosto de lhe não ser completamente extranho!...

— Pois ainda o duvida! Uma pessoa de tanto merecimento e tamanha discrição sobretudo, por muito que deseje ficar na sombra, queira ou não queira, ha de a gente preoccupar-se d'ella.

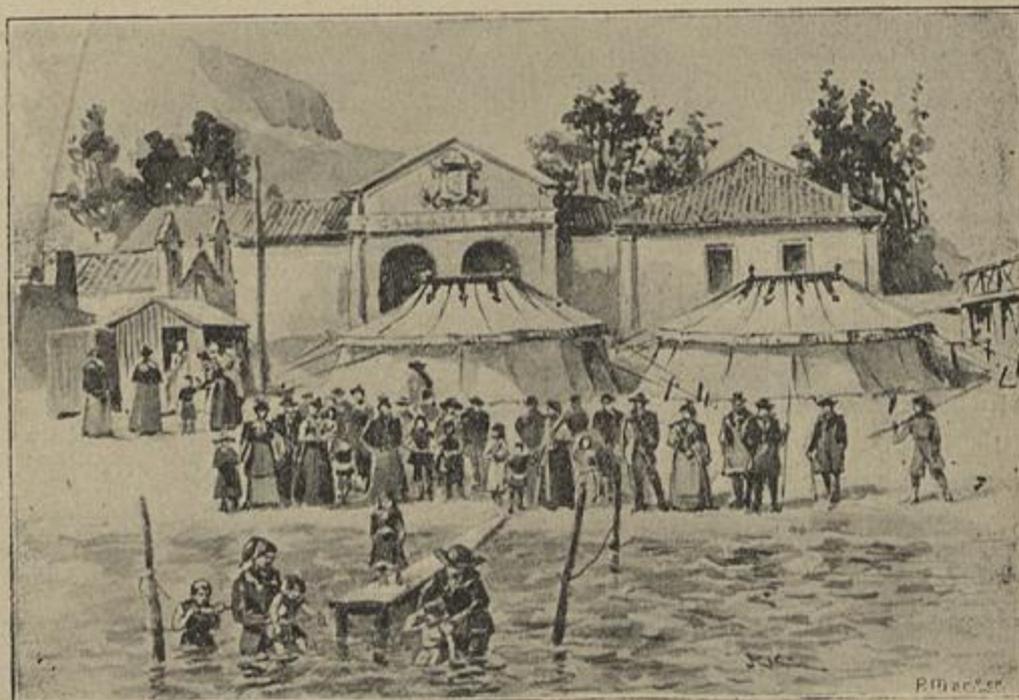
Guérac fez-se de côr de purpura.

— E antes, continuou Aurelia, deixe-me agradecer-lhe as quinze ou vinte amostras do seu estylo que se dignou submetter-me... Quando digo quinze ou vinte, haverá vinte e cinco ou trinta. Mas tendo commettido a imprudencia de as queimar sem as ler, desculpe-me se ha engano na conta.

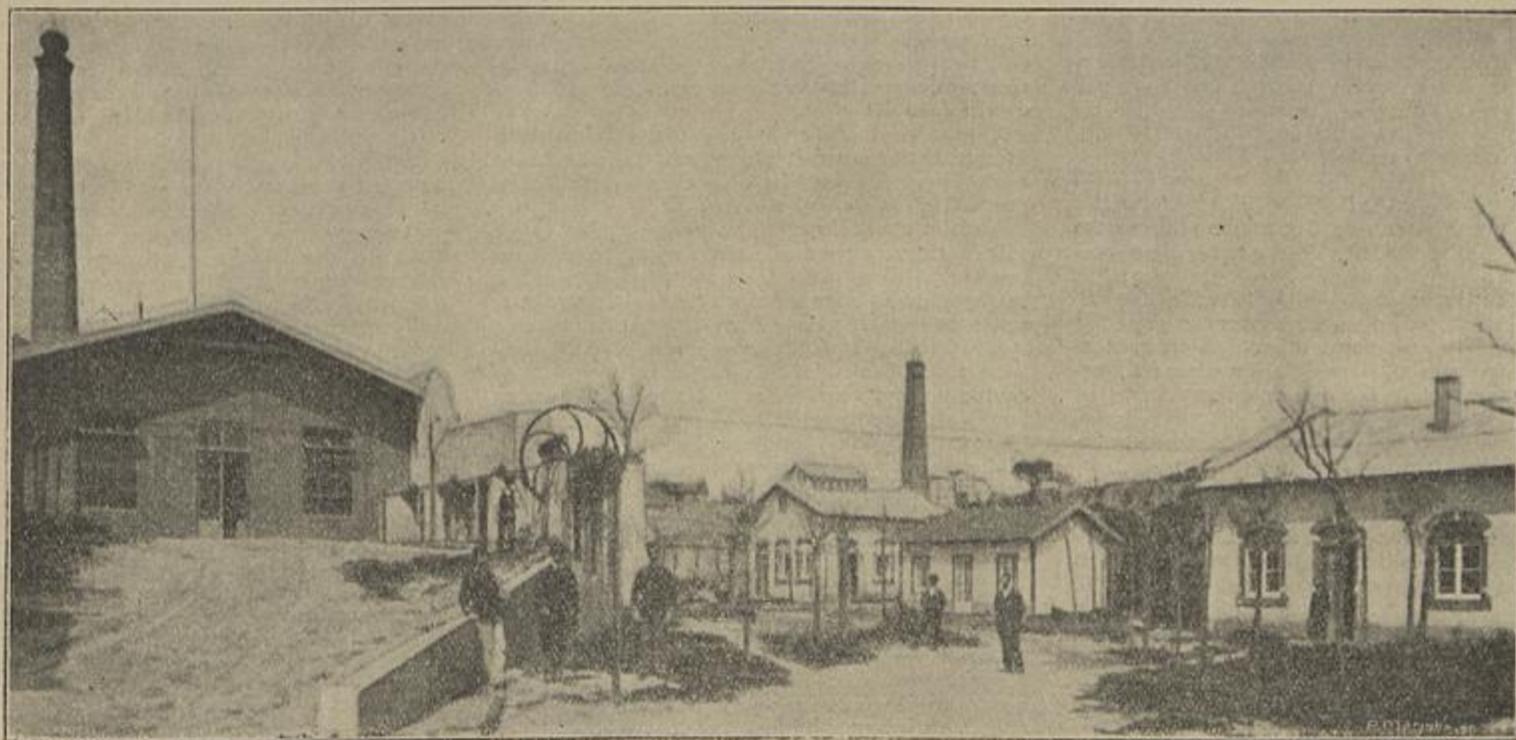
— Minha sr.ª, gaguejou Raul atrapalhado, permitte que me justifique?

— Quero poupar-lhe esse trabalho. Invocará o irresistivel sentimento que o arrastou. Para quê? Isso não é misterio para ninguem. Ha muito que o participou a Paris e ao universo.

— Santo Deus!... Eu, minha sr.ª! Sou incapaz...

— Recapitulemos. Se por acaso espreito por detraz da cortina, encontro seus olhos immutavelmente fitos na minha janella, para jubilo dos

O BANHO ÁS CREANÇAS ESCROFULOSAS, NA PRAIA DA TRAFARIA

Vid. *Chronica Occidental*

Desenho do sr. J. Christino da Silva

POLVORA SEM FUMO — Vista geral da casa da machina e da primeira linha de officinas da fabrica de Chellas

(Copia de photographia)

visinhos e de quem passa. Se passeio, cruzam-se dez vezes o seu cavallo e a minha carruagem; as manobras irritam-me os nervos e a minha agitação naturalissima é por todos interpretada por forma nada caritativa. No theatro o seu oculo gravita em volta do meu camarote e toda a sala se diverte na contemplação de suas attitudes melancolicas. Ha de convir, que, a não ser que vá gritando pelas ruas que disfructo a honra insigne de lhe agradar, não poderia desejar mais ruidosa publicidade.

— E' cruel, minha sr.ª, disse Guérac commovido. Será crime padecer um amor sem limites? Será crime não haver podido suffocal-o? Pois olhe, minha sr.ª, por aqui julgue de seu poder e minha fraqueza: cheguei aqui com o coração cheio de amargura; queria...

— Desculpe-me interrompel-o, disse friamente madame de Sogel; afastámo-nos, me parece, do tal conselho muito importante...

Insensivelmente Raul inflammára-se. Um tal desdem gelou-o como um jacto d'agua fria; não achou mais palavra.

— Pois quê! continuou Aurelia com sua voz mais mordente, pois abandona-o a meio caminho a sua fantasia?... Tome conta, sr.! Se n'um relance não inventa qualquer conto maravilhoso, cuidarei que o tal concelho importante era apenas um engenhoso pretexto.

— E se assim fosse, minha sr.ª? exclamou Guérac fóra de si. Se, na ancia de me approximar, fosse apenas n'um relampago, eu me houvesse atrevido...

— Se assim fosse, disse madame de Sogel, digna e majestosa, levantando-se, aqui tem o que lhe havia de responder: não sei a que sociedade pertence e se n'ella é costume um homem approximar-se d'uma senhora mentindo-lhe e aproveitar o ella achar-se só para lhe dizer coisas inconvenientes; mas sei que os seus subterfugios me offendem, que a sua perseguição me séca e peço-lhe, uma vez por todas, que lhes ponha um termo.

N'isto, esboçou um cumprimento cerimonioso e dirigiu-se para a porta do quarto.

Raul ficou aterrado.

Depois operou-se dentro d'elle uma formidavel reacção. Lembrou-se do ente ignobil que lhe preferira aquella orgolhosa e, n'um transporte de raiva e de humilhação:

— Põe-me fóra, retiro-me, murmurou. Era talvez a mim que me competia dizer-lhe agora: Cuidado!

Aurelia voltou-se.

— Ameaça-me! disse com suprema altivez.

— Não, minha senhoras, aconselho-a. Pense o que quizer, Não lhe menti. Sei do seu segredo e para provar-lh'o bastar-me-hia dizer-lhe um nome.

Madame de Logel encolheu os hombros.

— Pois diga, diga esse nome terrivel.

— Quer!

— Diga.

— Gibson!

Foi um lance theatral!

Amelia soltou uma exclamação e deixou-se cahir n'uma cadeira. Um véo côr de rosa invadiu-lhe o rosto que ella escondeu nas rendas do lenço.

Houve um silencio longo.

Raul, envergonhado do triumpho, mas tremendo ainda de colera e de ciumes, fez menção de sahir.

— Senhor! balbuciou madame de Logel, pondo as mãos, o que tenciona fazer da sua descoberta?

— Depende, minha senhora, de si.

— De mim?

— Inteiramente.

— Então ha de calar-se.

— Com uma condição.

— Uma condição!... a mim!... exclamou ella.

Depois, procurando socegar:

— E se a não acceito?

— Então, minha senhora, bem sabe que a discrição não é a minha qualidade predominante: ha pouco m'a censurou

— O quê!... Pois cobrir-me-hia de ridiculo, sem dó, sem remorsos!

— E de mim teve dó, minha senhora?

— Seria vingança indigna d'um homem de bem.

— Não tenho por onde escolher.

— Todo o homem de bem ha de censurar-lhe o proceder.

— Pouco me importa o que se diz de mim.

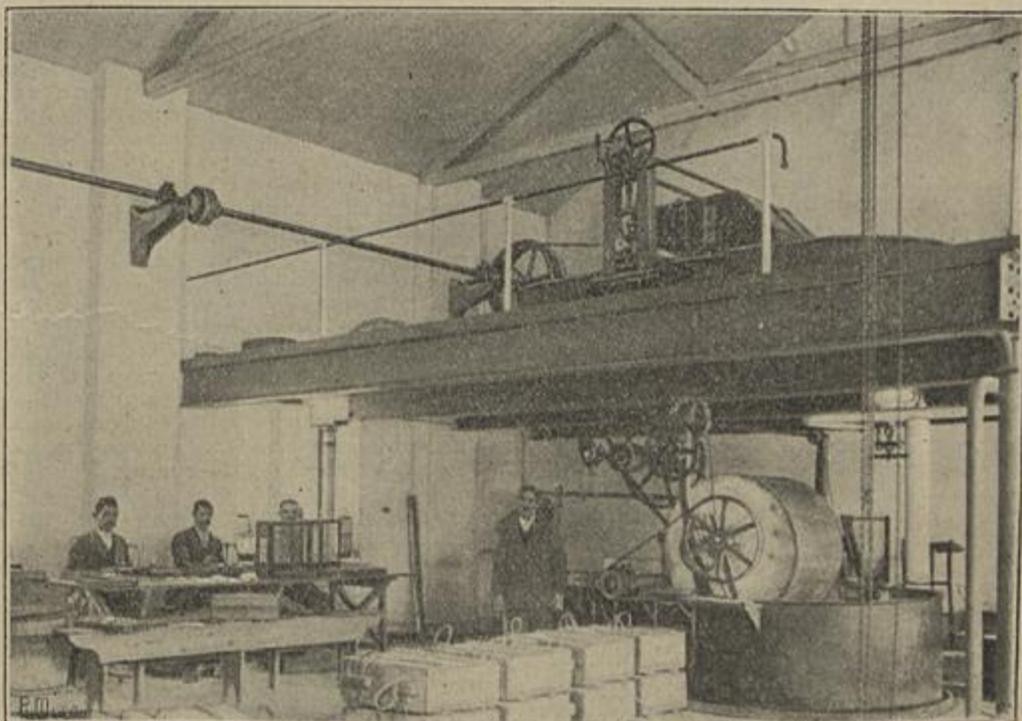
— Vai fazer com que eu o odeie.

— Ora, minha senhora, já tão baixo desci na sua estima, que pouco mais baixo poderei descer.

Aurelia mordeu os beiços.

— Seja, senhor, disse. Queira sentar-se e vamos vêr por que preço avalia a minha reputação.

Raul obedeceu.

— Minha senhora, principiou com modo triste, parecer-lhe-ha exquisito que, sabendo do seu segredo hau m anno, continuasse ainda assim a adoral-a. Infelizmente, assim é, e não deixarei de confessar que um tal amor me torná digna da maior compaixão. Jurei desfazer-me d'elle; mas, visto que a ausencia e as difficuldades me aggravaram o mal, só d'elle me hei de curar por um trato quotidiano e sem obstaculos.

POLVORA SEM FUMO — Officina de pulverisação e lavagem do algodão-polvora

(Copia de photographia)

—A idéa é original se pouco lisonjeira, disse madame de Logel; mas confesso que não a attinjo completamente.

—Já vai perceber, disse Guérac. Sollicito licença para ser admittido em sua casa uma hora por dia durante dois mezes.

Aurelia ergueu se n'um pulo.

—O senhor está doido!

—Estarei.

—Uma hora por dia!

—Durante dois mezes, sim, minha senhora. Ao todo, sessenta visitas. É a dóse que reputo necessaria para a minha convalescença.

—Sessenta visitas!

—Exactamente. Pois acha a conta exagerada? Se estivesse perigosamente doente, não se conformaria com sessenta visitas d'um medico? É verdade que n'este caso é o doente quem vem visitar o doutor.

—Essa sua condição é absurda, insensata e inacceitavel.

—É a sua ultima palavra?

—É.

—N'esse caso, adeus minha senhora.

—Espere!... exclamou Amelia afflictissima. A alternativa em que me põe é horrivel! Em nome do céo, pense que acceitar na minha intimidade um rapaz novo, desconhecido, é talvez perder-me sem remissão.

—Porquê, minha senhora? Não exijo que estejamos sós; seria barbaro esse requinte de sacrificio. Não poderia receber-me juntamente com outras pessoas de suas relações? Não terá esperteza de mais para justificar a minha apparição? Depois, expirado o praso dois dois mezes, desappareço, curado ou por curar, e com o seu segredo morto no intimo do meu peito.

Madame de Logel, succumbida, vergou a cabeça onde ia um temporal.

—Senhor! Senhor! O laço que me armou é infame!

—Espero, minha senhora, muito respeitosamente a sua decisão.

—Pois como dizer-lhe que não, se me põe a faca aos peitos!

—Peço-lhe n'esse caso a fineza de me dizer a que horas recebe.

Amelia torceu os dedos encantadores. Se o olhar d'ella fosse um punhal, era uma vez um Raul. Pallida, de dentes cerrados, respondeu pois de forma imperceptivel:

—Estarei todos os dias em casa das trez ás quatro.

Guérac inclinou-se profundamente.

—A'manhã, disse, a minha segunda visita.

E sahiu.

VIII

Por esse tempo, a belleza de madame de Logel era freneticamente applaudida em todos os poisos da sociedade elegante.

Em seu encaiço só se viam cerebros ás aranhas e corações n'um desarranjo. Cada sorriso d'ella era causa d'uma catastrophe; os bolsistas já não sabiam de cambios; os sportmen sonhavam com ella em frente dos cavallos despresados; os rapazes para seduzil-a inventavam colletes inauditos e calças extravagantes; os homens serios suspiravam do fundo de suas gravatas brancas Ai d'elles, que tudo a brisa lhes levava! Nada enternecia a panthera e desde o Jockey-Club até á Opera, só se falava em sua implacavel indifferença.

Orgulhava-se Aurelia com tal realeza; logo é porque temia perdel-a. E não sem motivo, porque as rivaes vigiavam-a militarmente. Bem sabia que uma irregularidade na vida ou uma ruga nas fontes anniquilaria sua dupla aureola de esplendor e de virtude. Com menos sorte que o sol, uma só mancha lhe não permittiam. Por isso submettêra o physico a um regimen severo e o moral a todos os bem conhecidos refrigerantes. Suas relações, pouco numerosas e cuidadosamente joeiradas, eram só mulheres feias irreprehensiveis e homens de certa edade incombustiveis. Salvaguardava-a aquella roda de gente, e a maledicencia n'ella embotava os punhaes.

Foi no seio de tão circumspecto areopago que Raul Guérac, todo secio e radiante, surgiu no dia seguinte ás trez da tarde.

Foi um pittoresco effeito de estupefacção.

Aurelia, que preparára uma complicada peta, de todo se esqueceu d'ella no momento preciso; quasi a desmaiar e sem achar pretexto melhor, deu o intruso, de palpite, como velho amigo do marido defunto.

O titulo auctorisava certa familiaridade; o homem apanhou-o no ar.

Perfeitamente senhor de si, deu-se como viajante chegadinho de fresco, provinciano morto por um bocadinho de cavaco. Ausente de Paris havia um anno, e devendo breve partir outra vez, nem vagar tinha para renovar antigos conhecimentos nem fazel-os novos. Por isso implorava da viuva do seu companheiro de infancia compaixão para sua soledade e uma hora de hospitalidade em cada dia.

E logo contou suas viagens e alargou-se sobre as qualidades do querido morto. Deram quatro horas e sahiu; não haveria chronometro mais pontual.

Todo o cenaculo cahiu na peta.

Não sómente porque o novo visitante só apparentava junto da dona da casa o mais cerimonioso respeito, mas tambem pelos recursos de sua conversação e dotes pessoaes, de assalto conquistou a sympathia das mulheres sem mancha e dos homens incombustiveis. Sem maior reparo todos se costumaram á visita de cada dia, que aliás nunca augmentou nem diminuiu d'um só segundo. Ao fim de quinze dias decidiram que era encantador. Mal sahia, começava a ladainha dos elogios; todos cantavam seu juizo, sua modestia, sua amabilidade. Aurelia, forçada a ouvir e até por vezes a entrar no côro, começava a não desgostar da engraçada situação.

Entretanto o bom do Raul estudava ou cuidava estudar madame de Logel. Que ingenuidade! Queria que uma palavra, uma phrase, um gesto, um modo de ser da physionomia lhe desvendassem de repente a alma negra d'aquella sereia; contava encontrar monstruosidades, que pela nausea lhe acabassem com a embriaguez da detestavel paixão.

Infelizmente, quanto viu e ouviu, o que por aqui, por acolá, soube do passado, genio, acções e sentimentos d'aquella fada, não fizeram senão confirmal-o na certeza que ella era de feitio singular, dedicado e superior.

Uma vez no declive, deixou-se ir a toda a brida; debalde ante seus olhos se ergueu a lembrança do sr. Gibson; não foi bastante para combater os filtros d'aquelle ser encantador, cheio de mocidade, altivo, impondo-se apesar de tudo. Chegou a mais, chegou a não poder julgal-a culpada; ao crime chegou elle mesmo a oppôr circumstancias atenuantes. Suppoz que o sr. Gibson, apesar d'aquelle feitio de negociante de vinhos, seria capaz das manhas de D. João, dos calculos de Mephistopheles, de machinações diabolicas. Não havia duvida, o monstro attrahira o anjo n'uma esparrela. Mas, quando o riso argentino do sobredito anjo soava aos seus ouvidos, não podia deixar de concluir que para victima era alegre de mais.

O resultado dos estudos foi que, depois de muita circumlocução, Raul teve de a si mesmo confessar dolorosamente que morria por madame de Logel e que, fosse ella a mais desprezivel das mulheres perdidas, ainda assim continuaria a adoral-a.

Se a posição fôra difficil, desde então tornou-se ridicula e insupportavel.

Pouco a pouco, foi tendo menos cuidado em si e falando menos; o tom faceto abandonou-o; preoccupado, scismador, envergonhado de se ver tolerado como doença chronica, arriscou uns olhares humildes, timidos, supplicantes, e procurou com seu ar de arrependido ver se resgatava a brutalidade audaciosa com que se estreára.

Deu-lhe pouco resultado a tactica.

Adivinhasse ou não seu triumpho, commovida ou não commovida, a viuvinha mostrou-se cada vez mais rigorosa. Acolhendo o pretendido Pylades de seu marido, desenvolvêra um luxo inexgotavel de apparencias resignadas; só lhe dirigia a palavra quando se tornava estrictamente necessario; se os olhos se encontravam, logo afastava o olhar com uma expressão dolorosa de impaciencia e de embaraço.

—Odeia-me! Humilha-a a minha presença! exclamava Raul mentalmente. Que vou eu lá fazer? É lá coisa que ella me perdôe ter córado na minha presença! Nunca serei para ella senão um espantalho, o detestado possuidor do seu segredo. Vamos! é preciso que eu nunca mais a veja!

Todas as tardes o jurava comsigo sobre o que havia de mais sagrado e, no dia seguinte, vinha logo receber em pleno peito o cumprimento desdenhoso e aborrecido da *coquette*.

(*Continúa*).

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

CAPITULO III

Anemometria

Anemometria é a parte da meteorologia que se occupa da direcção, força e velocidade do vento.

O vento é o ar em movimento, resultante da desegualdade de temperatura entre dois pontos. Se uma região soffre uma temperatura mais elevada do que outra sua visinha, formar-se-ha uma corrente de vento da parte mais fria para a mais quente, e outra, superior a esta, em sentido contrario.

Se abrirmos uma porta situada entre um quarto quente e outro mais frio e collocarmos duas vellas accesas, uma no lumiar da porta, e outra na parte superior, a direcção das chammas demonstra-nos a direcção das duas correntes: uma a inferior, do quarto mais frio, para o mais quente; a outra superior, em sentido contrario.

Os ventos, na athmosphera, classificam-se em *regulares* (se sopram em direcção constantes ou periodicos) e *irregulares* (no caso contrario).

Dividem-se ainda os primeiros, em *constantes* e *periodicos*.

Os ventos constantes observam-se na zona torrida, perto dos oceanos, soprando no hemispherio boreal, do nordeste para o sudoeste, e no hemispherio austral, do sueste para o noroeste. Os seus effeitos são só observados até ao paralelo de 30°, e attribuidos á desegualdade de temperaturas entre a zona torrida, e os polos. Em virtude d'este facto, produzem-se duas correntes: uma superior, de ar quente e humido, do equador aos polos, e outra inferior, de ar frio e secco, dos polos ao equador.

Porque motivo não seguem estes ventos, a direcção norte-sul?

E' ao movimento de rotação da terra, não se produzindo com egual velocidade em todos os pontos, que se attribue essa mudança de direcção.

Os *ventos periodicos* são os que sopram, ora n'uma direccao, ora em direcção opposta. Dividem-se em *brizas* e *monções*.

Os habitantes das regiões quentes, á beira mar, teem occasião de observar, no momento em que a temperatura local attinge um ponto superior á media, uma corrente d'ar, que actua do mar para a terra, tendendo a refrescar a athmosphera, durante parte do dia, phenomeno que cessa, logo que a temperatura desça. São as *brizas*. A' briza da manhã, succede, depois de uma calma, a briza da tarde que sopra em direcção opposta, isto é, da terra para o mar.

Nas montanhas, notam-se ás vezes correntes analogas que, por isso, se denominam brizas da montanha.

Os ventos que sopram seis mezes n'uma direcção, seis mezes n'outra, são as *monções*. Observam-se principalmente no mar da China e golpho de Benguela. De abril a setembro, sopra a monção, do mar para a terra; de setembro a março, da terra para o mar. Por isso denominou-se a primeira, *monção da primavera*, e a segunda, *monção do outomno*.

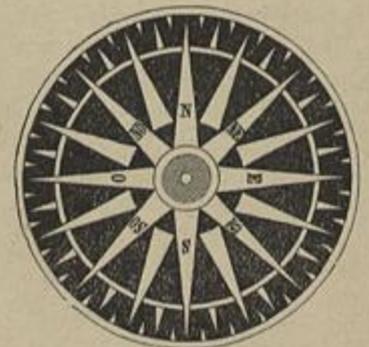
No hemispherio austral em virtude das estações serem inversas ás nossas, as monções de primavera notam-se de outubro a março, e as do outomno, de abril a setembro.

A causa d'estes ventos é devida a que no verão, o aquecimento é mais rapido na terra, do que no mar, e no inverno, o resfriamento é egualmente mais rapido na terra, o que em virtude do desequilibrio das temperaturas, produz essas correntes.

Os ventos irregulares observam-se só, a partir do parallelo de 30°.

Meteorologicamente classificam-se em dezeseis as direcções dos ventos que actuam irregularmente n'um ponto, sem lei alguma conhecida.

Os ventos que tomam o nome dos pontos cardeaes, collateraes e intermedios denominam-se: Norte (N), nornordeste (NNE), nordeste (NE), estenordeste (ENE), este (E), estesueste (ESE), sueste (SE), suisueste (SSE), sul (S), sudsudoeste (SSW), sudoeste (SW), oestesudoeste (WSW), oeste (W), oestenoroeste (WNW), noroeste (NW) e nornoroeste (NNW).

Fig. 9

As differentes direcções denominam-se *quadrantes*.

As ventoinhas e cataventos indicam-nos a direcção do vento nas correntes inferiores; a marcha das nuvens, a direcção do vento nas correntes superiores. Se as nuvens se dirigem do noroeste ao sueste, dizemos que o vento sopra do quadrante noroeste, se estas se dirigem do sul ao norte, dizemos que o vento sopra do sul, etc.

Apesar da irregularidade dos ventos, notam-se no emtanto, uns ventos predominantes. Em Lisboa, o vento predominante annual é o do quadrante NW. De inverno, o vento sopra em geral entre SW para NW, e muitas vezes entre NE e SE. Durante o verão, a direcção dos ventos é quasi invariavel entre NE e NW.

Os instrumentos que medem a velocidade do vento, são os *anemometros*.

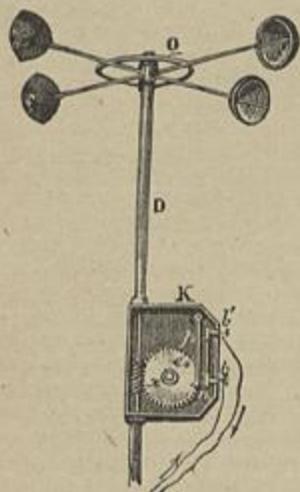



FIG. 10

O *anemometro de Robinson* consta de 4 hemispherios ócos, fixos a 4 raios horizontaes em cruz. A convexidade de cada hemispherio está voltada para a concavidade do hemispherio que se lhe segue, obtendo-se assim que o eixo gire sempre no mesmo sentido, seja qual fôr a direcção do vento. O eixo termina inferiormente por um parafuso sem fim que por meio de um systema de rodas dentadas transmitte esse movimento a um ponteiro que no mostrador conta a velocidade do vento como um contador d'agua ou de gaz os metros cubicos gastos.

O *mostrador* tem duas escallas divididas em 10 partes e subdivididas em outras dez — a primeira escalla representa centenas de kilometros, e a segunda, dezenas. As da escalla interior, são kilometros. Por esse motivo, a primeira escalla tem os numeros 0, 100, 200, 300 etc., a segunda 0, 10, 20, 30 etc., e a ultima 0, 4, 2, 3.

Por cada dez kilometros que o vento percorre, o mostrador faz uma revolução completa. Um pequeno ponteiro fixo marca as fracções, na escalla anterior.

Não confundir força e velocidade.

Velocidade é o numero de kilometros que o vento percorre em uma hora.

Força, funcção da velocidade mede-se pela pressão em kilogrammas, que elle exerce em uma superficie plana de um metro quadrado, a qual se oppõe á sua marcha.

A importancia do vento na distribuição das temperaturas é enorme. Assim tem-se notado que em geral, o vento *norte* é mais frio que o *sul*, devido a que o primeiro provém de paizes onde a temperatura é menos elevada.

Eis em diversos pontos, a influencia do vento sobre as temperaturas:

	N	NE	E	SE	S	SW	W	NW	diff.
Lisboa.....	14°,5	14°,9	16°,2	17°,6	18°,2	17°,9	15°,6	15°0,	3°,2
Paris.......	11,2	11,5	13,2	15,1	15,2	14,7	13,4	11,9	4°,0
Londres....	7,7	8,1	9,6	10,6	11,4	10,8	10,2	8,7	3,7
Hamburgo..	8,0	7,6	8,4	9,5	10,°	10,1	9,2	8,4	2,5
Moscow....	1,2	1,4	3,5	4,0	6,0	5,7	5,4	3,3	4,8

E' necessario notar que os ventos entre NE e SE, mais frios, no inverno, são os mais quentes no verão; os ventos entre SE e SW teem uma temperatura mais constante. Assim, depois de uma serie de dias em que tem soprado o vento do NE, durante o inverno, uma viração ao SW, occasiona alta sensivel na temperatura. Se o facto succeder no verão, succede, porém, o opposto.

A pressão barometrica é egualmente variavel consoante os ventos. E' mais baixa com ventos do quadrante sul, e successivamente cresce com o sudoeste, oeste, noroeste, norte e nordeste, que traz sempre as areas de maior pressão.

Eis, em Lisboa, as variações medias annuaes das pressões, reduzidas a 0,° segundo os ventos, á altitude de 102 metros

Ventos	Pressão media
Sul........................	752ᵐ,5
Sudoeste....................	753,1
Oeste................1.......	754,6
Noroeste....................	755,1
Norte.......................	757,2
Nordeste....................	757,8
Este........................	756,9
Sueste......................	755,4
Media....................0....	755,3

Se compararmos este quadro, com aquelle no qual indicamos a influencia dos ventos nas temperaturas, facilmente se poderá concluir que á maneira que a temperatura augmenta, a altura barometrica tende a baixar.

Eis as expressões vulgarmente empregadas para designar os ventos e seus effeitos.

N.os	Termos vulgares	Termos maritimos	Effeitos	Velocidades
0	Calma,.......	Calma..........	O fumo eleva-se verticalmente..	—
			As folhas não se movem.......	—
1	Muito fraco...	Bafagem.........	Agita as folhas pequenas.......	1 a 6
2	Fraco........	Aragem..........	Agita as folhas...............	6 a 12
3	Moderado....	Bonança.........	Agita os ramos................	12 a 25
4	Fresco.......	Fresco..........	Agita as pequenas arvores.......	25 a 40
5	Forte........	Rijo............	Sacode arvores................	40 a 55
6	Tempestade..	Muito rijo.......	Arranca as arvores pequenas...	55 a 70
7	Furacão......	Temporal desfeito.	Devasta tudo.................	70 a ..

A probabilidade do mau tempo augmenta com a velocidade do vento.

Os ventos fortes, tempestuosos e cyclones são devidos á formação de depressões atmosphericas, causando variações de tempo. São produzidos por correntes atmosphericas contrarias, cujo encontro dá origem ao movimento giratorio do ar.

Todas as tempestades produzem-se pela ascensão de uma columna d'ar quente, saturada d'humidade, a qual, segundo Espy, pode ser causada pelo encontro de duas correntes horizontaes, creando um turbilhão circular e uma rarefacção central sob a influencia da força centrifuga. A' maneira que o vento attinge regiões frias, o vapor d'agua condensa-se e o calor latente, liberto, mantem a rarefacção.

A violencia e duração dos cyclones depende da quantidade de vapor fornecido pelas correntes inferiores e condensado nas regiões altas.

Os cyclones são vastos turbilhões, nos quaes a força do vento diminue da peripheria até ao centro, onde existe calmaria, embora o mar ahi esteja agitado. N'esse centro não ha nuvens, e o sol brilha.

Os cyclones giram ao sul do Equador, da esquerda para a direita, e ao norte, em sentido opposto. Pelo movimento de translação da terra, affastam-se do Equador seguindo uma parabola cujo vertice a oeste é tangente ao meridiano na latitude de 30° no nosso hemispherio, e 26° no hemispherio austral, isto é, no limite dos ventos geraes. São sempre acompanhados de grande tensão electrica, e chuvas copiosas.

Temos ainda a considerar os *tufões* e as *trombas*.

O *tufão* é uma corrente d'ar que se propaga em linha recta.

Quando ventos contrarios produzem no tufão um movimento giratorio rapido além do movimento de translação geral, este denomina-se *tromba*, a qual arranca os arbustos e perfura a terra, em circulo.

Quando no mar, estas produzem phenomenos curiosos. Das nuvens, descem colomnas negras em fórma de funil com o collo para baixo, agitando extraordinariamente a agua. São mais frequentes nos climas quentes, e nullas nos climas polares.

Ventos locaes caracteristicos. Alguns paizes são caracterisados pelos ventos particulares que ahi sopram. Assim, na Istria e Dalmatia, o vento norte, que adquire uma força tal que derruba tudo o que se encontra na sua passagem, denomina-se *bora*.

Em Hespanha, o vento norte com os mesmos caracteres, chama-se *gallego*.

No sul da França, sobretudo no valle de Rhodano, sopra um vento nordeste (mistral) que se suppõe ser uma tempestade vinda de distancia enorme

Outro vento notavel é o *Fœhn*, vento quente de Africa, que, nos Alpes, funde a neve das montanhas durante a noite, e é de violencia enorme.

O *hannathon*, que se torna quasi irrespiravel pela quantidade de areia que transporta, sopra, em geral, 3 a 4 mezes cada estação, no interior da Africa, perto do Atlantico. Sua direcção é em geral do estesueste, e a sua duração, de 2 a 5 dias.

No deserto de Sahara, durante o equinoxio, as tempestades são quasi sempre acompanhadas de um vento denominado *simoun*, que no Egypto tem o nome de *khansin*. O *simoun* é annunciado no deserto por um ponto negro que surge no horizonte, e rapidamente cresce.

Egualmente notaveis são o *sirocco*, na Italia, e o *solano*, na Hespanha.

Na Madeira sopra um vento denominado *leste*, quentissimo, e em Lisboa é bastante conhecido o vento abafadiço *suão*.

Ha a citar ainda o *sopro do diabo*, na India, na estação das seccas e que devasta campos e cidades.

(Continúa) *Antonio A. O. Machado.*

Recebemos e agradecemos:

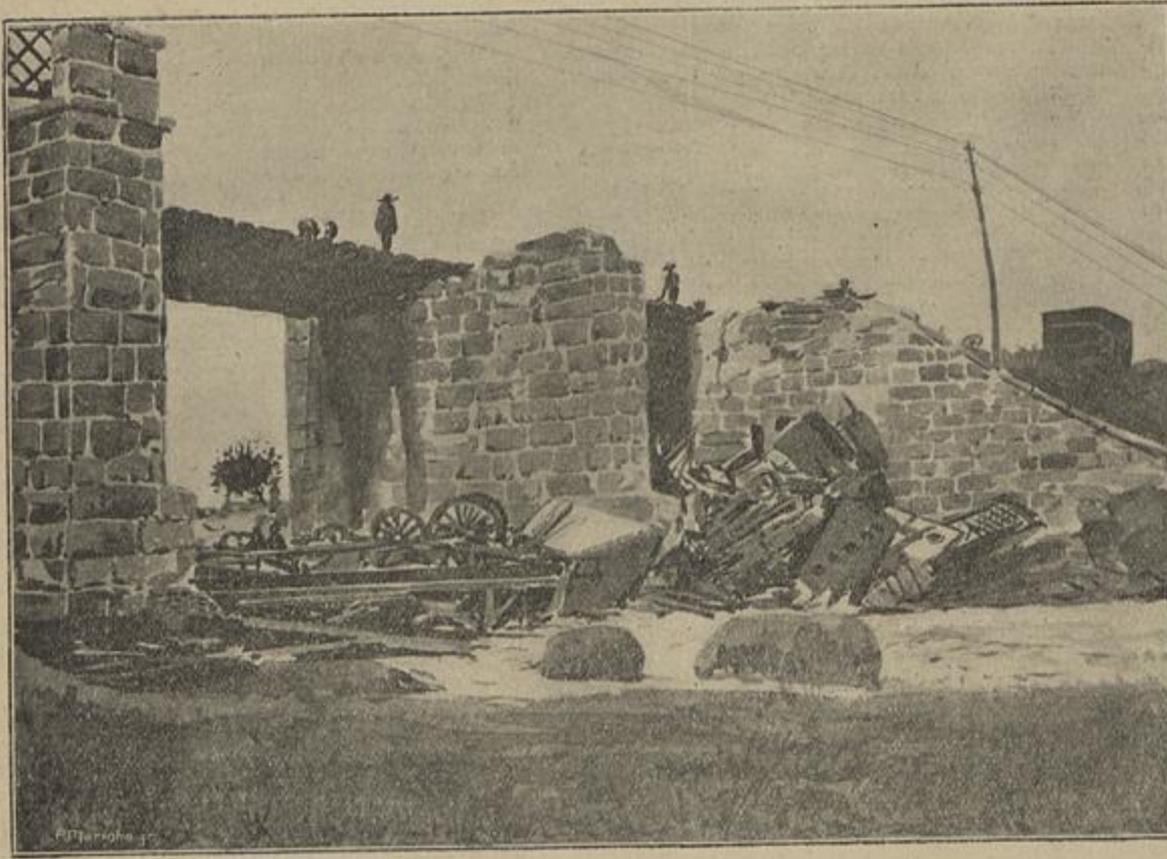
Aldeia na côrte — *Drama em tres actos por Delfim Guimarães e D. João da Camara — Livraria editora Guimarães, Libanio & C.ª — Lisboa, 1901.*

Assim que teve logar a primeira representação deste drama, a qual se realisou em a noite de 5 de junho ultimo, no theatro D. Amelia, d'esta cidade não tardou elle em apparecer publicado em nitida edição.

Como a peça foi levada á scena quasi no fim da epoca, teve forçosamente um reduzido numero de representações. Por isso houve a maior conveniencia em a offerecer logo em livro ao publico que a não viu e poude assim conhecel-a perfeitamente até que na proxima epoca aprecie o desempenho que lhe dão os artistas do elegante theatro lisbonense.

Não se furtaram os auctores á critica e alguns dos nossos escriptores foram brindados gentilmente com o *Aldeia na côrte*. Agradecendo o exemplar que temos presente corria-nos a obrigação de falar do drama, procurando dar uma idéa do valor d'elle. A relativa proximidade n'esta redacção de quem escreve estas linhas para com um dos auctores, que é o nosso primoroso chronista, e tão talentoso como modesto, D. João da Camara, poderia suppor influencia na apreciação que a respeito do drama se estampasse n'este logar. Por isso nos causou muito prazer a leitura do bello artigo que o conceituado bibliophilo e antigo director da *Aurora do Cavado*, sr. Rodrigo Velloso, publicou no n.º 61 da nova serie do seu apreciado periodico, sahido á luz em 5 do mez de agosto findo.

Fazendo nosso esse artigo, para o que pedimos venia ao illustrado critico, transcrevemol-o na integra, querendo prestar ao seu auctor e aos do drama a merecida e devida homenagem:

«Já desde muito que não lia livro que tanto me enchesse as medidas, e tão satisfeito e contente me dei-

DESABAMENTO DA PONTE DE PAPA-GALLOS NO CAMINHO DE FERRO DO SUL

xasse o animo, como acaba de me succeder com a *Aldeia na Côrte*, drama em 3 actos, original dos srs. Delfim Guimarães e D. João da Camara. Tudo n'ella encontrei que me enlevasse o espirito, a fabulação, a linguagem, o apropriado ao scenario de todo o ponto adequado, e mais do que tudo o desvelo que seus auctores poseram na concepção e determinação e coherencia dos caracteres dos diversos personagens que na scena se movem. Tudo, repito, me enche as medidas na *Aldeia na Côrte*, incluindo este proprio titulo de si tão verdadeiro e tão suggestivo e bem se me affigura a mim, que a não vi no palco na unica noite em que subiu á scena, por ser fim de epocha, no theatro D. Amelia no dia 5 de junho passado, que se lida tanto enleva e enliça, representada por actores que bem encarnem suas figuras deverá ser um encantamento e obra para, por muito e largo espaço, se sustentar na scena, devendo voltar a ella em successivas epochas.

«E para alcançar um tal exito, como o que eu lhe creio poder assegurar, não foi preciso aos preclaros auctores da *Aldeia na Côrte* soccorrerem-se de *trucs* já por demais gastos, nem a enredos compricados, as mais das vezes santo fructo de imaginação (tão apropriadamente a este chamam os francezes *la folle du logis*, elles que sobre tal podem falar de cadeira) desorientada do que de estudo e interpretação intima da vida real, mas limitando-se a aproveitar, como esqueleto e thema de sua obra, o que no fundo o foi do *Nantas* de Zola, elevando-o, brunindo-o, acendrando-o e espiritualisando-o, em scenas puramente de familia, e no seio d'esta passadas, por tal modo exalçaram e enobreceram a these de sua obra, que captivo d'ella só poderá deixar de o ser, isentando-se da commoção que d'ella deriva, quem não tenha coração, alliando a este os sentimentos mais levantados e o respeito devido aos mais acrisolados sacrificios, ás acções mais nobilitadoras, ou quem o gosto estragado inteiramente haja pelas peças de abastardada e torpe fancaria que no geral pejam a scena hodiernamente.

«Este o meu sentir sobre a *Aldeia na Côrte*, sentir que pouco me pesará que vá de encontro a opinião que lhe seja adversa, tendo, para mim, por seguro que se não o presente o justificará o futuro.

«Custa-me bem ter que apartar a penna d'ella para a consagrar a outros livros offerecidos á redacção da *Aurora*, que mui de vontade folgaria com haver lazer e espaço para miudamente analysar os typos tão interessantes de Paulo, de Dores, do dr. Severo, de Gualdim e da Baroneza, e frisar as scenas capitaes da acção, tão apropriadamente conduzida.»

Avante!—*Carta anti-jesuita, por Pereira Bravo — Lisboa*, 1901.

Não é em prosa, como se poderia julgar, esta carta. E' constituida por dez sonetos e mais uma poesia em tercetto e uma quadra no final. O poeta não escolheu, pois, fórma facil, o que muito o obriga á concisão da phrase, á synthese do pensamento, do que resulta ainda mais vigor na expressão, mas com maior numero de difficuldades a suggerir.

Mas o assumpto, se bem que tratado com vehemencia, não é dos que permittem deleite. As tetricas affirmativas parecem colhidas nos jornaes de politica apaixonada; e os poetas politicos, a não serem verdadeiros genios, só vivem o seu dia. *Avante!* é, pois, obra transitoria, o que não podemos deixar de lastimar, quando o sr. Pereira Bravo se poderia dedicar com lisongeiro exito a assumptos geralmente sympathicos. Nem a possivel notoriedade do momento, nem a desculpa da vertigem do acceso da questão religiosa, o absolvem.

Quem já em 1898 nos offereceu um livro de versos como o *Manchas*, de que então demos opportuna noticia, tinha obrigação de accentuar o ideal esboçado n'essas primeiras poesias e offerecer-nos agora obra mais duradoura e mais edificante.

Mas se a fórma é tudo, como tanta vez se affirma em litteratura, perdoar-se-ha o escabroso e desagradavel do assumpto pelas boas qualidades dos versos que elle inspirou ao auctor da *carta anti-jesuitica*.

Cartilha do Povo *ou breve compendio dos seus direitos e obrigações dos habitantes do concelho de Mogadouro e de todo o districto de Bragança—Typographia Aillaud & C.ia, Paris — Lisboa, 1901.*

Este folheto é o n.º 5 da collecção *Folhetos para o povo*, que são distribuidos de graça pelo seu auctor, um dos nossos mais apreciados litteratos e homens de leis, que ultimamente se tem dedicado á instrucção popular e á propaganda dos melhores preceitos de economia e de civismo. Dos outros folhetos anteriores já aqui temos dado noticia, mas dois se annunciam que hão de grangear egualmente ao auctor os mais rasgados louvores, como os merecem todos aquelles que visam pelos seus esforços a diminuir em Portugal a percentagem enorme dos analphabetos.

Sob a fórma agradavel de dialogo interessante, o auctor offerece na *Carillha do Povo* as mais variadas explicações sobre os varios assumptos que mais devem interessar ao povo portuguez. E' assim que elle se illustra e bem haja o distincto escriptor pela missão que se impoz e de que tão bem se desempenha.

Gazeta Illustrada — *Revista semanal de vulgarisação scientifica, artistica e litteraria — Coimbra, 1901.*

O summario do ultimo numero é o seguinte:

A educação da mulher *(Q. M.)* — Pasteur *(Teixeira de Carvalho)* — Pela agricultura — capital agricola *(Costa Lobo)* — Um novo habitante do céu? *(C. L.)* — Divisas e emblemas decorativos *(M. T. C.)*—O que disse o luar *(João de Barros)* —A educação da juventude *(Oliveira Guimarães)* — Alteração do clima *(Costa Ferreira)* — Bibliographia *(O. G.)* — Curiosidades — Formulario — Economia domestica — Passatempo.